



A LINGUAGEM NOS GÊNEROS TEXTUAIS QUADRINHOS: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CORPO

Felipe da Silva Triani¹

Paulo Sergio Pimentel de Oliveira²

Joaquim Humberto Coelho de Oliveira³

Cristina Novikoff⁴

Resumo: Neste artigo se investigou como o corpo é ilustrado na linguagem de gêneros textuais, mais especificamente o quadrinho, que se mostra com grande potencial para ser utilizado, desde a Educação Básica até o Ensino Superior. Para cumprir tal objetivo, este estudo investiga quais as representações sociais sobre o corpo se instituem a partir da utilização deste tipo de linguagem. Efetiva-se, deste modo, uma síntese acerca da linguagem, aplicando-se noções de gênero textual com o auxílio teórico-metodológico da teoria das Representações Sociais na análise sobre o corpo. Os resultados permitiram identificar na linguagem dos quadrinhos, indícios de representações sociais do corpo coadunadas com a sua definição referendada na dualidade corpo e alma. Aspectos que se somam para definir o corpo com critérios próprios da beleza, preocupados com a eliminação dos excessos de gordura; com intervenções cirúrgicas de correções do nariz, e também com a apresentação de cabelos alisados e lisos. Identifica-se, assim, em um primeiro momento, nos gêneros textuais dos quadrinhos a presença de uma representação social dicotômica de corpo. Além disso, um modelo de beleza física ilustrada por personagens que incorporaram os padrões estéticos corporais instituídos no imaginário social.

Palavras-chave: Representações sociais. Quadrinhos. Corpo.

135

INTRODUÇÃO

Entende-se que a linguagem é uma das mais importantes faculdades do homem. Nesse sentido, é compreendida como o maior fenômeno capaz de instrumentalizar a interação humana (AZEREDO, 2000). Contudo, a linguagem verbal é sempre expressa por meio de gêneros textuais que, como uma moda, tomou conta meios acadêmicos, revelando-se como um dos principais temas de estudo (MARCUSCHI, 2008).

¹ Mestre em Humanidades, Culturas e Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO.

² Mestre em Ciência da Motricidade Humana e Docente da Faculdade Gama e Souza.

³ Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio.

⁴ Doutora em Educação e Docente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.



Contagiado por essa febre acadêmica, o corpo está entre as temáticas que têm alcançado mais relevância, como se pode constatar em diversos gêneros textuais de caráter acadêmico no Brasil, como o caso das dissertações de mestrado e teses de doutorado. Esses dados podem ser comprovados por meio de uma busca no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possui aproximadamente 3800 trabalhos entre dissertações e teses que têm o corpo como objeto de estudo. Exemplificando ainda tal interesse, o periódico científico “Pensar a Prática”, em 2012, realizou uma publicação especial utilizando o tema corpo. Dados que se comportam de acordo com os prognósticos de Goldenberg e Ramos (2002) e David Le Breton (2006) ao perceberem a crescente valorização do corpo a partir do século XIX.

Na tentativa de compreender indícios dessa valorização, pretendeu-se analisar os quadrinhos, a fim de investigar como o corpo é ilustrado nesse gênero textual, muito utilizado na formação, que vai desde a Educação Básica ao Ensino Superior. Contudo, para se empoderar de subsídios capazes de fornecer mecanismos interpretativos, empregou-se a teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978). Tal adoção é cabível, pois pode possibilitar a compreensão dos fenômenos em uma dupla face – icônica e simbólica -, engendrando um processo de representações sociais ancoradas que se objetivam nas práticas sociais.

Com a pretensão de se desenvolver uma síntese acerca da linguagem, partiu-se para apresentar noções de gêneros textuais e analisar as representações sociais de corpo, a partir da seguinte questão norteadora: quais são as representações sociais de corpo instituídas nos gêneros textuais quadrinhos? De tal modo que se possa, neste artigo, proceder a investigação das representações sociais sobre o corpo instituídas na linguagem transmitida por meio dos quadrinhos como gêneros textuais.

METODOLOGIA

Com o desejo de atingir o objetivo pretendido nessa investigação, adotou-se o modelo das dimensões da pesquisa científica proposta por Novikoff (2010), com abordagem do tipo qualitativa. Em corroboração com tal modelo, o artigo foi estruturado



em cinco dimensões não lineares, sendo a primeira epistemológica, na qual se apresentou o objeto de pesquisa, sua problematização e o objetivo. Segue, com a dimensão técnica que discute a metodologia empregada, partindo-se, posteriormente, para a dimensão teórica, pautada nos estudos de Bagno (2014), Travaglia (2002) e Cunha, Costa, Martelotta (2010) sobre a linguagem. Para o que diz respeito aos gêneros textuais, foi utilizado Marcuschi (2008).

Ainda nessa perspectiva, a construção da dimensão morfológica foi ilustrada com quadrinhos/ tirinhas, oriundos de uma busca realizada no *Google Scholar*. Sem exceção, todos foram interpretados pela teoria das Representações Sociais, reservando para a discussão final o resultado das análises, com o apoio das ideias de alguns autores da dimensão teórica, bem como de estudos recentes sobre corpo. E ainda, na última dimensão, a analítico-conclusiva, foi aduzida algumas considerações finais encontradas diante das discussões alavancadas.

DA LINGUAGEM

137

Compreendendo a linguagem como uma das mais importantes faculdades humanas, e entendendo o homem como um ser eminentemente social, como concebia o filósofo grego Aristóteles, é possível afirmar com Azeredo (2000) que a linguagem, ao ser um mecanismo de mediação, torna possível e constitui as relações humanas. Nesse sentido, o relacionamento humano possibilita, por meio dos códigos da língua, a comunicação de fatos sociais, transmissão de conhecimentos e ainda criar seres e cenários pela capacidade singular de imaginação.

Alguns estudiosos, na tentativa de desenvolver aprofundamento teórico sobre a linguagem, dedicaram-se às suas definições (BAGNO, 2014), concepções (TRAVAGLIA, 2002) e características (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2010). No intuito de entender todos esses elementos como indispensáveis, principalmente, no que diz respeito à perspectiva holística de compreensão dos fenômenos, devem ser apresentadas a síntese dessas contribuições.

No que se refere à definição de linguagem, Bagno (2014) apresenta duas que considera como sendo as mais importantes. A primeira trata da faculdade cognitiva que



permite o indivíduo expressar simbolicamente sua vivência, bem como processar, transmitir, adquirir e produzir conhecimento por meio da produção e interpretação de significados e sentidos. A segunda, adotando a mesma perspectiva da primeira, refere-se a todo sistema de signos empregados na produção de sentido que expressa o conhecimento.

A linguagem é categorizada em verbal e não verbal, sendo a primeira aquela que é expressa por meio das palavras, isto é, que representa um sistema de signos convencionais. Em contraponto, se envolve com os signos visuais e sensoriais, próprio das atividades musical, cinematográfica, teatral, corporal, da dança, da pintura, da escultura, da arquitetura, da fotografia, dos desenhos e outras. Ressalta-se que, em caso como o dos quadrinhos, a linguagem pode ser verbal e não verbal ao mesmo tempo.

Em se tratando da concepção de linguagem, Travaglia (2002) apresenta algumas contribuições ao argumentar sobre três possibilidades. Nesse sentido, uma delas é a de linguagem como expressão do pensamento, concepção essa em que relaciona o ato de pensar bem à boa expressão e, o não pensar, ao fato de não se expressar bem. Em poucas palavras, a linguagem é atribuída à organização da maneira pela qual o pensamento se expressa.

A segunda concepção entende a linguagem como meio objetivo e instrumento de comunicação, sendo assim, atribui-se à língua um código que, por meio de uma constelação de signos, torna possível a transmissão de uma mensagem de um emissor para um receptor. Nesses termos, o falante possui um código que almeja transmitir por meio de mensagem a um determinado ouvinte.

O autor ainda se refere a uma terceira concepção que vê a linguagem como forma ou processo de interação. Nessa perspectiva, a linguagem é um lugar de interação humana, na qual o indivíduo realiza ações sobre o interlocutor, isto é, não se limita à expressão do pensamento ou ainda à transmissão de informações entre indivíduos. Dessa forma, a linguagem é caracterizada pelo diálogo em sentido amplo.

Outras características próprias do fenômeno da linguagem, são acrescentadas por outros autores, Cunha, Costa e Martelotta (2010), elucidadas nos tópicos a seguir:

- Técnica articulatória complexa: envolve os movimentos fisiológicos corporais, indispensáveis na produção sonora que compõe o ato da fala.



- Base neurobiológica: composta de centros nervosos utilizados na comunicação verbal, responsáveis pelo bom funcionamento da linguagem. Como características dessa fase, destacam-se as afasias de “Broca e Wernicke”, que, com efeito, implicam em distúrbios.
- Base cognitiva: garante o funcionamento mental para o processo associado à capacidade de compreender, armazenar e transmitir conhecimento.
- Base sociocultural: atributo inerente à capacidade de adaptação perante modificações de tempo e espaço, franqueando ao indivíduo uma boa interação comunicativa.
- Base comunicativa: abarca os dados reguladores do exercício da comunicação, presentes na estrutura da língua empregada.

Entre definições, concepções e características, insere-se o fenômeno complexo da linguagem. Este que, como foi possível perceber até aqui, sempre esteve presente na vida humana sem deixar nunca de acompanhá-la. Por isso, a linguagem é parte integrante do homem, pois, como se pode perceber, entre as suas benevolentes ações, encontra-se o bom funcionamento da vida em todas as suas dimensões, seja biológica, psicológico, sociológica e/ ou cultural.

139

DOS GÊNEROS TEXTUAIS

A linguagem visual/escrita emerge por meio dos gêneros textuais que, de acordo com Marcuschi (2008), tornou-se uma moda nas investigações das últimas décadas. O autor discute a ideia da existência de uma grande multiplicidade de produções acerca do tema. Embora não sejam os únicos, destacam-se nessa temática os livros, coletâneas, artigos e trabalhos acadêmicos nas áreas de literatura, retórica, sociologia, ciências da cognição, tradução, linguística e outros; isto é, um engendramento multidisciplinar (POMBO, 2005).

É fundamental que se saiba que Bhatia (1997; apud MARCUSCHI, 2008), apresenta justificativas para o estudo dos gêneros textuais estarem na moda, acarretando



no uso desmedido da expressão “gênero”. Na tentativa de definir o que são os gêneros textuais, Marcuschi (2008, p. 155) afirma:

Os textos que encontram em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

A noção proposta implica na discussão de que o gênero textual sempre existiu na história da comunicação humana, alguns com mais tempo de existência, como as cartas, bilhete, reunião e conversação espontânea; outros mais recentes, como a carta eletrônica, o bate-papo por meio do computador, a conferência. Esses que parecem destituir os anteriores, embora alguns vestígios dos primeiros ainda existam. Muito se tem confundido a denominação de gênero e tipo textual. Enquanto o gênero textual cumpre sua função empiricamente em situações de comunicação, sob um viés social-histórico, o tipo textual é sequência de enunciados, construídos sob aspectos lexicais e sintáticos, formando textos conhecidos como narração, argumentação, descrição, injunção e exposição (MARCUSCHI, 2010).

140

Na contemporaneidade, existe uma grande diversidade, embora limitada, de gêneros textuais. Em comum, todos possuem três elementos que formam sua composição: “aquele que fala; aquilo sobre o que se fala e; aquele a quem se fala” (ARISTÓTELES, Apud Marcuschi, 2008, p. 147).

Neste vasto universo de gêneros, se insere a história em quadrinhos como linguagem que, considerada como expressão artística (GUIMARÃES, s/d), caracteriza-se como um gênero icônico que se organiza temporalmente na progressão de quadros edificadas com desenhos e legendas (MENDONÇA, 2005). Portanto, considerando o corpo como objeto de estudo, cabe analisar as representações sociais que estão instituídas nos quadrinhos, já que o ensino contemporâneo tem estado centrado em gêneros (MARCUSCHI, 2008) e, nesse caso, se insere a história em quadrinhos ou tira/tirinhas.



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CORPO NOS QUADRINHOS

A teoria das Representações Sociais é um instrumento teórico-metodológico que, na perspectiva da fenomenologia, proporciona um aporte para a pesquisa à luz de uma linguagem específica (BAGNO, 2014). Teoria com base no conceito de representação social que, transcendendo o ato de representar, proporciona ao pesquisador intervir e compreender os fenômenos, cumprindo, desse modo, o duplo papel da pesquisa (GIBBONS, 1994).

Para as representações sociais, como instrumento para desenvolver um estudo, não importa se o tipo de metodologia empregada é levantamento e análise de conteúdo ou etnografia e entrevistas (MOSCOVICI, 1978), mas que se estabeleça uma distância crítica entre o objeto de investigação e o cenário em que as representações circulam.

No contexto da investigação em que a representação social tem a função de familiarizar aquilo que não é familiar, cumpre-se que “a primeira tarefa de um estudo científico das representações é tornar o familiar em não-familiar” (MOSCOVICI, 1978, p. 25), ou seja, tornar o objeto de investigação em algo desconhecido, a fim de que seja compreendido enquanto fenômeno. Por isso, a escolha dessa teoria como aporte metodológico retribui como referencial interpretativo para que seja possível tornar tangíveis as representações sociais que se tem sobre um objeto.

Como conceito oriundo da psicologia social, a representação social (MOSCOVICI, 1978), defende a ideia de que os grupos de indivíduos possuem comportamentos diferentes quando há alteração do cenário social. Nessa perspectiva, as representações sociais sobre o mesmo objeto podem se modificar em contextos sociais diferentes. Como o presente estudo pretende analisar a representação social de corpo nos gêneros textuais dos quadrinhos, será de grande valia também se utilizar o conceito de imaginário social (CASTORIADIS, 2000), considerando que as representações sociais se autoconstituem (NOVIKOFF, 2014) na linguagem (KOCH, 2002).

Empoderado de subsídios proporcionados pelos conceitos alavancados e utilizando o corpo como vetor, as representações sociais instituídas nos personagens das tirinhas sobre corpo serão analisadas, a fim de que seja possível tornar familiar aquilo que não é familiar, isto é, as representações sociais sobre corpo.

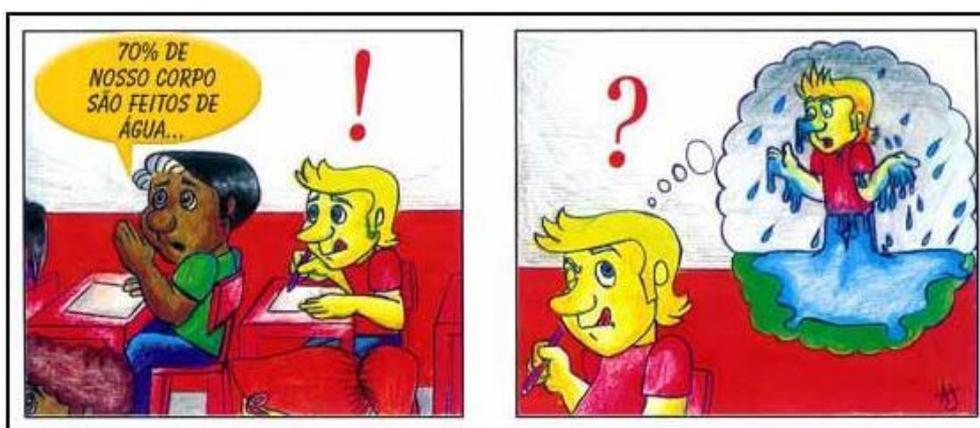


Entretanto, existem dois processos que tornam possível esse mecanismo, intitulados como “ancoragem” e “objetivação”. O primeiro diz respeito ao momento em que o indivíduo vai se deparar com um objeto estranho e tentar torná-lo conhecido, a partir das imagens já construídas intrinsecamente, que formam um conjunto como núcleo figurativo (MOSCOVICI,1981). Para Horochovski (2004, p. 98), “ancorar é classificar, nomear, rotular e, obviamente, representar”. Neste contexto, de rotular o que não tinha rótulo e/ou nomear o que não tinha nome, ocorre o processo de tornar familiar o que era não-familiar.

A objetivação, por sua vez, diz respeito ao processo em que o indivíduo vai descobrir o conceito do objeto e compará-lo a algo real. Esse processo acontece em dois momentos: no primeiro, o conceito do objeto é relacionado com sua imagem - uma representação icônica -, e assim se nomeia o objeto. No segundo momento, após compreender o conceito do objeto ele é comparado com algo tangível - uma representação simbólica – que corresponde a “encher o que está naturalmente vazio, com substância” (MOSCOVICI, 1978, p. 71). Nessa ação, em especial, se atribui sentido ao objeto, tornando familiar o que era não-familiar.

142

Na tentativa de exemplificar os processos de ancoragem e objetivação, bem como iniciar a análise pretendida acerca do corpo, apresenta-se a seguinte tirinha:



Fonte: Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (2004).

Com a utilização dessa tirinha acima no contexto específico de sala de aula, circula a representação social de que “70% de nosso corpo são feitos de água”. Assim, o estudante do segundo quadrante, na tentativa de tornar familiar a ideia instituída pelo aluno à sua



frente, faz ancoragem em uma imagem presente no seu núcleo figurativo (MOSCOVICI, 1984), para impregnar de sentido àquela representação social que se objetiva no seu próprio corpo sendo formado externamente com água.



Fonte: Adaptado de Campos (2013).

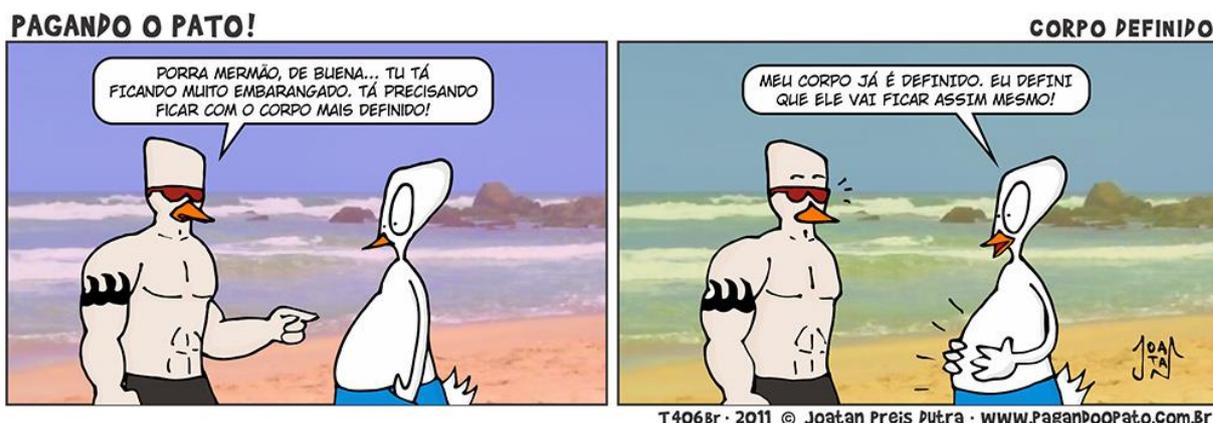
O texto da tirinha acima possui marcas de oralidade na escrita. Embora não sejam as únicas características, destacam-se nessa temática a predominância de frases curtas e a pouca elaboração do conteúdo textual (KOCH; ELIAS, 2009). Ainda assim, embora seja característica desse gênero, há possibilidade do entendimento no que concerne à interpretação dos aspectos relacionados ao corpo, gordo e magro no sentido estético e, em especial, à dicotomia corpo e alma, evidenciada por meio do uso de analogias e metáforas próprias da linguagem infantil.

Sobre a dicotomia, o quadrinho possui representações sociais instituídas, objetivada nos argumentos da personagem Mafalda. Tais representações sociais sobre corpo e alma ainda ecoam a filosofia de Platão (LIMA; PEREIRA JR, 2008), com ampla utilização na linguagem do senso comum empregada na contemporaneidade, constituindo o que se designa como o seu universo consensual (MOSCOVICI, 2003)



A filosofia atual tem engendrado mecanismos para romper com esse modelo platônico de representação social sobre o corpo, edificado sobre a dicotomia corpo e alma, que se afirma e divulga ainda mais com a proposta cartesiana de divisão entre o corpo e a mente (LIMA; PEREIRA JR, 2008). Como alternativa, Spinoza (2009) propõe com a sua filosofia pensar todos os elementos inerentes ao corpo como ideias dele mesmo, rompendo com aquele modelo dicotômico. Na prática pedagógica da Educação Física, encontram-se posicionamentos que defendem os elementos corpo e mente como integrantes de um único e mesmo ser. (FREIRE, 2009)

Outra tirinha pesquisada, intitulada de “Corpo Definido”, faz referência aos padrões atuais próprios da estética corporal (GOLDENBERG; RAMOS, 2002).



144

Fonte: Dutra (2011).

A tirinha “Corpo Definido”, indubitavelmente, apresenta mais marcas de linguagem oral no texto escrito (KOCH; ELIAS, 2009) do que a considerada anteriormente, com referências à representação social da dicotomia corpo e alma. Em profusão, essas marcas se evidenciam na linguagem peculiar empregada, com a utilização de palavras de baixo calão e gírias como “mermão”, “de buena”, “embarangado” e da expressão oral “tá”. Sobre como a tirinha aborda o tema do corpo, destaque para a distinção estético-formal entre as conformações anatômicas das personagens, revelando uma concepção visual-físico-realista e outra mais caricatural.

Nessa tirinha, chama atenção a imagem do pato que aborda com representações sociais instituídas de acordo com um corpo definido, no sentido estético do termo, em contraposição ao corpo definido na linguagem específica de sua cultura como



“embarangado”. Essas representações sociais ajustam-se aos estudos de Goldenberg e Ramos (2002), quando sinalizam que no século XXI o corpo “padronizado” e valorizado socialmente é o belo, magro e jovem. David Le Breton (2006) contribui com a discussão, argumentando que as representações sociais de um corpo luxuriante invadiram o imaginário social.

Enquanto o pato que é abordado, fica passível de análise que o mesmo não apresenta uma “cultuação” e/ou valorização ao corpo definido, no sentido estético defendido pelo outro pato. Posição que se valoriza por não compartilhar da mesma linguagem específica, em proveito de compreender as representações sociais de corpo mais definido como ato de definir como o corpo deve ficar. Acrescenta-se que a representação social deste pato que é abordado caminha na contramão dos posicionamentos teóricos citados anteriormente.

No entanto, embora a representação social do pato abordado contradiga as representações sociais convencionais, a próxima tirinha, também em referência à estética, volta-se a encontrar com aqueles padrões tidos como mais habituais.

145



Fonte: Dahmer (2011).

A tirinha acima, diferentemente das anteriores, apresenta sua organização temporal icônica em uma linguagem com mais características do texto escrito do que daquele próximo da fala dos personagens (KOCH; ELIAS, 2009). Essa assertiva evidencia-se na forma como o texto dos quadros foi elaborado, utilizando descrição dos fatos e utilização de pontuação específica.

No entanto, não se apagam totalmente as marcas da oralidade na escrita, como se mostra na presença de termos coloquiais, mais adequados à linguagem oral. O texto não



utilizou a palavra “seios”, mas “peitos”, além disso, a personagem não utilizou o “aspirador” de fato. Além do que, ela não quebrou o nariz, mas fez uma cirurgia plástica. Também, não passou ferro no cabelo, mas utilizou um aparelho para alisá-lo, além do que, a personagem em vez de fazê-lo, procurou os serviços de um profissional. Houve ainda utilização de verbos em primeira pessoa como “fiz”, “tirei” e “quebrei”.

Em se tratando das representações sociais instituídas no imaginário social (CASTORIADIS, 2000), pode-se perceber que estão ancoradas em um padrão de beleza típico das práticas incorporadas pela personagem por meio de uma multiplicidade de procedimentos estéticos agenciados ao corpo, como as representações sociais que para ser bonito são necessários peitos “perfeitos”, eliminação de gorduras, cirurgia de nariz e alisamento do cabelo. Essas representações sociais instituídas na tirinha coadunam com o padrão de beleza oriundo de cirurgias plásticas, conforme estudos recentes (COSTA; VENÂNCIO, 2004).

Em tese, essas representações sociais reafirmam o corpo segundo o padrão de beleza socialmente valorizado (GOLDENBERG; RAMOS 2002).

146

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a linguagem a faculdade específica humana que permite a interação social expressa por meio dos gêneros textuais organizados em seus diferentes tipos, cumpriu-se como objetivo investigar as representações sociais de corpo instituídas nos quadrinhos. Adotou-se, para tanto, a teoria das Representações Sociais, com o fim de possibilitar a análise do corpo nos quadrinhos e na linguagem verbal e não-verbal que se utiliza para lhe fazer referência.

Ao se adotar essa teoria, foi possível perceber indícios de representações sociais nesse tipo de gênero textual que, em um primeiro momento, permitiram identifica-las em consonância as relações dicotômicas entre corpo e alma. Dando mais um passo, constatou-se ainda um modelo de beleza física ilustrada por personagens que incorporaram os padrões estéticos corporais instituídos no imaginário social.

Diante desses entendimentos, os indícios de representações sociais encontradas nos quadrinhos investigados são de que o corpo ainda é concebido por uma ideia dicotômica



de corpo e alma. O que se confirma, quando à estética idealizada do corpo se contrapõem elementos sem nenhuma outra dimensão além da física, como se evidencia pela sua representação social que se nega ser “embarangado. Um corpo, portanto, que sendo masculino é definido fisicamente, no sentido anatômico de possuir um volume muscular considerável e baixo índice de gordura corporal. Já no caso das mulheres, a representação social sobre o corpo bonito significa a presença de seios “perfeitos”, baixo índice de gordura corporal, nariz pequeno e cabelo liso.

Esse estudo pode ser limitado, pois as representações sociais sobre corpo nos gêneros textuais estudados nesse artigo foram investigadas por meio dos poucos quadrinhos encontrados, podendo haver outros que não foram considerados no presente manuscrito e que instituem representações sociais divergentes. Cabe ressaltar a importância de que novos artigos sejam produzidos nessa perspectiva para desenvolver a interdisciplinaridade, bem como o desenvolvimento do tema aqui proposto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

147

- AZEREDO, J. C. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BAGNO, M. *Língua, Linguagem, Linguística: Pondo os Pingos Nos II*. 2014.
- CAMPOS, I. Por uma espiritualidade mais terrena. *Grupo de Estudos de Cosmvisão Calvinista*. 2013. Disponível em:
 <<http://www.cosmovisaocalvinista.com.br/2013/04/por-uma-espiritualidade-mais-terrena.html>>.
- CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS. Tirinha número 7. 2004. Disponível em:
 <http://www.cbpf.br/~eduhq/html/tirinhas/tirinhas_assunto/biologia/biologia.php?page_Num_Recordset1Biologia=6&totalRows_Recordset1Biologia=9>. Acesso em: jul. 2015.
- CUNHA, A. F. da.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. Contexto, 2010.
- DAHMER, A. Corpo belo e alma triste. *Insustentável*. 2011. Disponível em:
 <<http://xucurus.blogspot.com.br/2011/02/corpo-belo-e-alma-triste.html>>. Acesso em: jul. 2015.
- DUTRA, J. P. Corpo Definido. Pagando o pato. 2011. Disponível em:
 <<http://www.mutacao.com.br/pato/strip/?i=406&l=br>>. Acesso em: jul. 2015.



- FREIRE, J. B. *Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 2009.
- GIBBONS *et al.* *The new production of knowledge: the dynamics of science and research in contemporary societies*, London, Sage, 1994.
- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GUIMARÃES, E. Uma caracterização ampla para a História em Quadrinhos e seus limites com outras formas de expressão. Disponível em: <<http://klicarte.no.sapo.pt/historiaeartes.pdf>>. Acesso em: jun. 2015.
- HOROCHOVSKI, M. T. H. Representações Sociais: Delineamentos de uma Categoria Analítica. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2 n° 1 (2), janeiro-junho, 2004.
- KOCH, I. Concepções de Língua, Sujeito, Texto e Sentido. In: KOCH, I. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006
- LIMA, O. F.; PEREIRA JR, A. O resgate do monismo de Spinoza na neurofilosofia de Antonio Damásio. *Rev. Simbio-Logia*, V. 1, n. 2, Nov. 2008.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros Textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MENDONÇA, M.R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (org.) *Gêneros textuais e ensino*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- _____. On Social representation. FORGAS, E. J. (Org.). *Social Cognition: Perspectives on everyday Understanding*. London: Academic Press, 1981.
- POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. In PIMENTA, C. *Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade*. Campo das Letras, 2005.
- SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o Ensino de Gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2002.